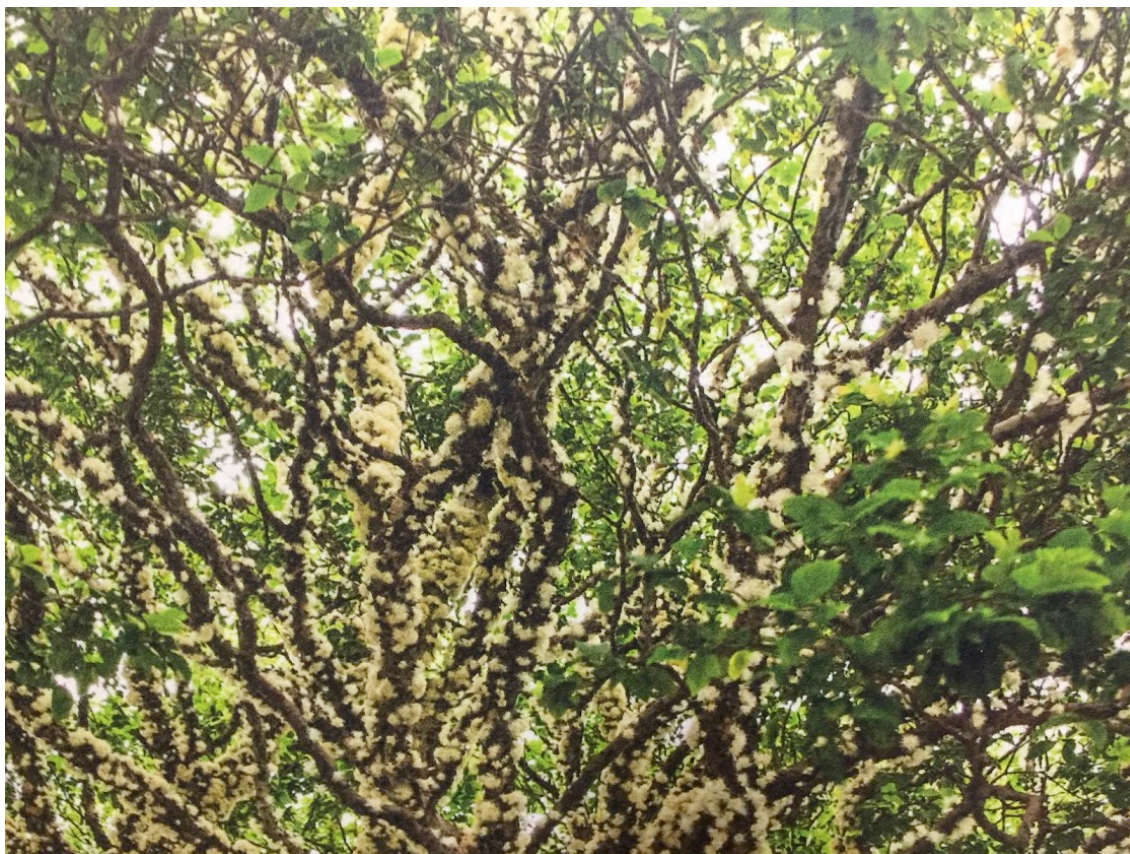
Reflexões

Reflexões iniciais sobre a velhice

Carla Maria Bonotto Klueger

Ao término do curso Extensão - *Fragilidades na Velhice: Gerontologia Social e Atendimento*, oferecido pela COGAE-PUCSP, foi colocado um desafio: fazer uma elaboração reflexiva sobre o fenômeno Velhice.

Considero desafio porque, por um lado, estou afastada há alguns anos do universo acadêmico, ambiente provocador de reflexões, por outro, inconformada em não fazê-lo. A riqueza de informações, conhecimentos e trocas, no decorrer do curso, 'acordou' minha vontade de retomar a área da psicologia, de ler, estudar e discutir. E não ultrapassar este desafio seria como dizer "passei pelo curso, mas o curso não passou por mim", o que não é verdade.

Não gostaria de dar um enfoque de ordem pessoal a esta reflexão, mas sinto dificuldade em não abordar desta forma, pois a minha inscrição no curso, passa exatamente por uma inquietação - a vida vai passando, as escolhas sendo feitas, os altos e baixos sentidos, as conquistas comemoradas, as

insatisfações vividas... Assim, em um momento de "tédio existencial" e desejo de mudança, me matriculei.

Acrescente-se o fato de estar chegando naquela fase da vida, em que as pessoas cedem lugar para você sentar no ônibus, e pensa: Será que estou velha? Como assim? Eu não sou velha, velho pode ser aquele sentado logo à frente. Sei que se trata de exemplo corriqueiro e comum, mas que traz em si a dificuldade, que todos temos, de reconhecer e aceitar esse período de transição para mais um ciclo da vida – a velhice.

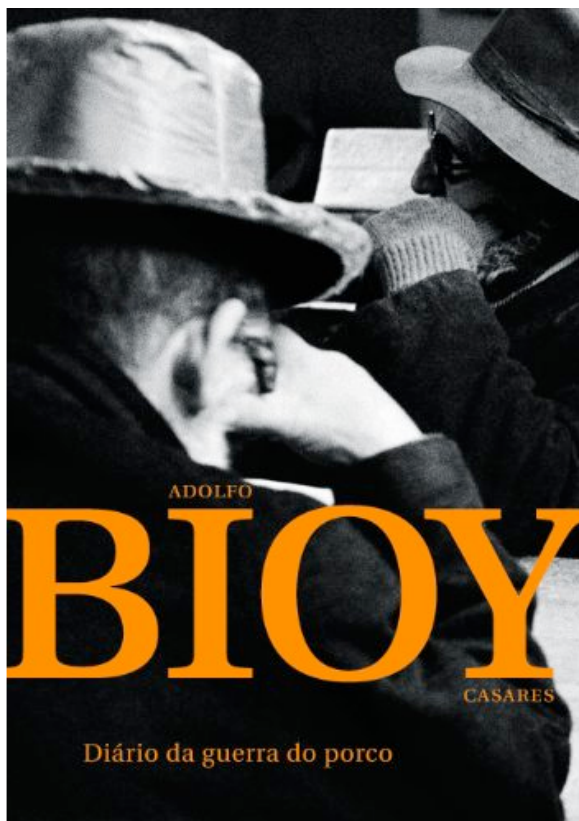
Como nos diz Groult (2008, p. 27) "seja como for, é preciso admitir uma verdade perturbadora: somos velhos aos olhos dos outros bem antes de sê-lo aos nossos próprios olhos".

Apesar de não ter uma atuação profissional direta no campo da gerontologia e, de estar ensaiando os primeiros passos para um novo olhar sobre o processo do envelhecimento, tenho uma 'micro' vivência, a partir do meu próprio processo, de meus pais e amigos próximos que, de certa forma, me motivaram.

Em concordância ao que foi dito ao longo do curso, os discursos acerca do processo de envelhecimento e da velhice são, em sua maioria, negativistas e reducionistas e voltados para as perdas físicas, funcionais e produtivas e, sobretudo, um descarte ou negação do aspecto subjetivo.

Somos engolidos por um discurso social, econômico e médico que nos aprisiona em um modelo de vida saudável, de enaltecimento da juventude, do corpo magro, da prática de esporte, da inutilidade funcional, das perdas... Há muito ainda a ser feito e conquistado em termos de políticas públicas de saúde, de recursos socioeducativos para que essa população crescente de velhos tenha um atendimento mais humano. Afirma Groult (2008), em descrição cruel e real da visão solitária e biológica a que os velhos são remetidos em nossa cultura e imaginário:

> Se entendêssemos de uma vez por todas que somos "um monte de rugas", acho que nos acostumaríamos. O drama é que no começo esquecemos. Durante anos, com um pouco de sorte, a gente vai e vem. Até que um dia, é preciso admitir, percebemos que somos velhos o tempo todo. É exatamente aí que se dá a virada, e temos que reaprender tudo. Não somos apenas um monte de rugas, nisso se pode dar um jeito; também somos feitos de velhos ossos que ficam porosos, de um velho estômago que recebe mal a ardência agradável do álcool, de um velho cérebro que trava diante dos nomes próprios, de velhas veias que dilatam, enquanto as artérias, por sua vez, endurecem, e vivemos com um velho amor em quem

> observamos os mesmos sintomas, ou então sem nenhum amor, apenas uma foto, imutável, numa moldura de porta em cima de um criado-mudo. (GROULT, 2008, p. 20)

Outra reflexão bastante provocativa é a do romance *Diário da Guerra do Porco*, de Bioy Casares, publicado originalmente em 1969, que traz questões muito atuais sobre o lugar social dos idosos, o preconceito, a intolerância, a marginalização e a experiência vivida. Ambientado em Buenos Aires, o panorama social é o crescimento da população, o número crescente de velhos "inúteis", a escassez de postos de trabalho, a paupérrima aposentadoria, moradias precárias, etc.

O romance vai apresentando o cotidiano do aposentado Isodoro Vidal, um sujeito de quase 60 anos, seu grupo de amigos sessentões e a jovem Nélida. Na medida em que a narrativa vai evoluindo, cresce também a violência contra os velhos, que passam a ser perseguidos e assassinados brutalmente pelos jovens, estabelecendo um clima de tensão, horror e desconforto, não só aos personagens centrais do livro, mas como ao próprio leitor. Simbolicamente, matar os velhos, era um modo de não tornar-se um. A essa perseguição a imprensa denomina a "Guerra dos Porcos". Afirma o autor (2010, p.169):

> Há um fato novo e irrefutável: a identificação dos jovens com os velhos. Através dessa guerra, eles entenderam de uma maneira íntima, dolorosa, que todo velho é o futuro de algum jovem. Deles mesmos, talvez! Outro fato curioso: invariavelmente o jovem elabora a seguinte fantasia: matar um velho equivale a se suicidar.

Paralelo a essa análise social, "onde não há lugar para os velhos, porque nada está previsto para eles", há um diálogo riquíssimo entre os personagens ou mesmo nas reflexões do personagem principal, retratando a vivência do ser velho, isto é, a compreensão e os sentimentos nesse processo, no qual a tristeza e a esperança caminham lado a lado.

> Tudo se tornava relativo com o tempo. Mais que tudo, as pessoas. Lembrava-se, em imagens vívidas que tendiam ao desaparecimento, de um tribunal de justiça em que um

> fiscal, embriagado de cólera, acusava-o de estar velho [...] A velhice era um castigo sem saída, que não permitia desejos nem ambições. De onde tirar a ilusão para fazer planos, já que uma vez realizados o sujeito não mais aí para gozá-los, ou estará pela metade? (CASARES, 2010, p. 171)

Mas ao receber os cuidados e o amor da jovem Nélida, Vidal renova as esperanças. Antes de ceder ao desejo de se entregar a ela, surgem muitas dúvidas e questionamentos, afinal ele não se sentia um velho o tempo todo, mas sua aparência física, e a sociedade, afirmavam que sim.

> [...] mas o impulso de chegar o quanto antes à casa de Nélida foi mais forte, como se junto dela estivesse a salvo não da ameaça dos jovens, que agora quase não o assustava, mas do contágio, provável por sua aparente afinidade com o meio, da insidiosa, da pavorosa velhice. (CASARES, 2010, p. 142)

Há nessa reflexão um conflito. Um corpo físico que envelhece que passa por transformações, que perde força e potência, em um sujeito que deseja, com vontade própria, e que construiu ao longo da sua vida uma imagem de si. Como lidar com essa passagem do tempo? Só há perdas, não há ganhos? Como recriar-se diante do inevitável? Como aceitar o processo de envelhecimento não de uma forma resignada, mas com um novo olhar sobre suas possibilidades de ser no mundo?

Com essas indagações não quero afirmar que esse processo seja iminentemente uma questão individual, isolada e independente de um contexto cultural, social, político e econômico. Mas que tenho vontade de me debruçar sobre essas questões, a partir de uma série de estudos e reflexões que certamente já existem. Assim, de modo incipiente, me arrisco a dizer que no plano subjetivo para haver a aceitação de todas essas mudanças ocorridas neste ciclo, faz-se necessário a elaboração do luto.

> Se o luto é resposta a uma perda significativa, essa perda pode ser qualquer uma, mas é particular de cada um [...] Elas [perdas] podem inviabilizar a eleição e o investimento em novos objetos, em novos ideais etc., e paralisar a vida. A saída desse estado é realizada com o processo de trabalho de luto. (ROCHA, 2012, p. 104)

É estranho considerar que para todas as outras etapas da vida, com exceção da velhice, há uma expectativa de querer atingir aquela idade, uma alegria ao atingir a independência, a autonomia, o vigor, desenvolver habilidades, ter reconhecimento, ser respeitado, ter seu próprio estilo, seus valores, constituir uma família, enfim, “ser alguém”.

Já a velhice parece que bate na porta, e ninguém quer atender e nem tão pouco se dá conta que ela já entrou, há muito tempo, na sua casa, afinal começamos a envelhecer no momento que nascemos. E, assim, ouvimos as expressões: “nossa fiquei velho, de repente”, “me olho no espelho e não me reconheço”. Há um misto de espanto, tristeza e negação. Talvez lá no íntimo tenha uma pergunta: “ainda posso ser alguém?”

Afirma Rocha (2012, p. 103) que “a visão ou concepção que o indivíduo tem de si mesmo resulta de um processo que envolve experiências, as impressões e os sentimentos que ele vivenciou ao longo de sua existência”. O modo como cada um reagirá ao envelhecimento vai depender dessa longa história de vida pessoal, o modo como o indivíduo foi se relacionando com outros, com o mundo e como se apropriou dessas vivências.

Com a elaboração do luto abre-se a possibilidade de vivenciar o envelhecimento como um novo ciclo, uma nova etapa da vida, como indica a afirmação de Rocha (2012, p.106):

> [...] quando o envelhecimento é visto como um novo ciclo, ele traz a percepção do nascer de outro horizonte. Nesse estado, será exigido que a pessoa reconheça o que foi perdido ou transformado nela mesma, pois só assim será possível positivar o envelhecimento e mesmo a vivência de tonalidade depressiva que faz parte da elaboração [...]

Referências

BIOY CASARES, A. *Diário da Guerra do Porco*. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

CORTELA, M.S e RIOS, T.A. *Vivemos mais! Vivemos bem? Por uma vida Plena*. Campinas, São Paulo: Papirus 7 Mares, 2013.

GROULT, B. *Um toque na estrela*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RIBEIRO, L. (org). *Um outro envelhecer é possível*. Aparecida, São Paulo: Ideias & Letras, 2012.

Data de recebimento: 08/10/2016; Data de aceite: 25/11/2016.

Carla Maria Bonotto Klueger - Bacharel em Psicologia pela Universidade de Caxias do Sul (1987). Curso de extensão Fragilidades na velhice: gerontologia social e atendimento / COGEAE/PUCSP**.** Área de interesse: Psicogerontologia e Cuidados Paliativos. E- mail: carlakbonotto@gmail.com